

Administradora desconhece as acusações

“Desconheço o conteúdo das acusações. Mário Veiga nunca procurou a Administração Regional de Ceilândia para levar provas das denúncias de possível corrupção de nossa equipe”, afirmou Maria de Lourdes Abadia Bastos, administradora regional, a propósito da campanha que o comerciante está fazendo no Distrito Federal para tirá-la do cargo, dentro da campanha “Renovação da Ceilândia”, alegando corrupção no órgão governamental.

Maria de Lourdes esclarece sua posição de confiança na equipe que dirige. “até que provem o contrário”. Segundo ela, provas da corrupção, acaso existam, devem ser levadas à Administração. “Me trazendo as provas, aí o assunto passa a ser um problema administrativo e policial”. Citando um filósofo da antiguidade, a administradora declarou que o pior dessas calúnias — referindo-se ao que diz Mário Veiga nos jornais e na Comissão do Distrito Federal — “é que fica alguma coisa. Mesmo que se prove serem infundadas, as dúvidas permanecem no ar”.

Na entrevista, ela faz questão de frisar que “as portas da Administração estão abertas para receber as denúncias e apurá-las. Maria de Lourdes acha natural que existam grupos na comunidade ceilandense que não apóiem a sua administração. Considera sugestões e críticas básicas “no sistema de governo. A avaliação é feita através de análise comunitária, porque só assim haverá o aperfeiçoamento da nossa ação”.

“Acho que isso tudo foi levado a um plano pessoal, não tenho nada contra o senhor Mário Veiga. Respeito as divergências não só dele, mas de qualquer morador da Ceilândia”, acrescenta, para falar, ainda, que “é uma pena” que o comerciante não esteja unido à Administração Regional “como na época em que ele era o presidente da Associação de Moradores do setor “O”. Enquanto a campanha continua, a administradora aprofunda sua preocupação “em transformar Ceilândia, de grande favela que era, no passado, em uma cidade com condições dignas de vida”, não tendo tempo para “dar ou-

vidos” a coisas que não são levadas a seu conhecimento, já que é muito ocupada e o tempo é curto.

Calma, Maria de Lourdes cita uma parábola: “Um general desejava mandar uma mensagem a Garcia, seu subordinado, que estava no campo de batalha. Escolheu, para tanto, um soldado sem destaque na guarnição, sem dotes especiais. Este soldado não perguntou nada ao general. Pegou a mensagem e saiu à procura de Garcia, atravessando campos minados, cruzando balas, enfrentando o inimigo. Muitas vezes o soldado chorou, passou fome, sede e frio, mas conseguiu entregar a mensagem a Garcia”.

Maria de Lourdes considera-se o soldado da mensagem. “Entregaram-me um saco de miséria, um cerrado vazio e disseram para tomar conta”, explica. Ela diz que as pessoas acompanham seu trabalho na Ceilândia, considerado “o maior desafio, talvez, da história de Brasília — lidar com pessoas carentes e com tensões sociais, “numa perspectiva comunitária”.